

FRONTEIRAS DO FEMINISMO: MEMÓRIAS AUTOBIOGRÁFICAS NO ROMANCE CARIBENHO *ANNIE JOHN*

Lívia Vivas¹

Resumo: Os fundamentos pós-coloniais e feministas viabilizaram uma consonância entre seus componentes de análise crítica e favoreceram o aparecimento de considerações socioculturais articuladas, possibilitando a eclosão de vozes silenciadas. As discussões suscitadas pela teoria pós-colonial possibilitam a reflexão sobre o lugar das mulheres na contemporaneidade, os vários sujeitos oriundos do feminismo e a própria transversalidade da questão de gênero. Esse artigo baseia-se na análise do romance *Annie John* (1985), de autoria da caribenha Jamaica Kincaid, cuja protagonista é uma criança que cresce numa perspectiva familiar que lhe propicia experimentar situações que possibilitam a apreensão da realidade à sua volta enquanto espaço de subordinação.

Palavras-chaves: pós-colonialismo; feminismo; racismo; literatura caribenha


Introdução

As agendas associadas ao feminismo ocidental são vistas com profundo ceticismo no terreno dos movimentos de mulheres pós-coloniais, pois apesar de seus objetivos em comum, o sentimento recíproco de desconfiança faz com que os debates que poderiam ser bem articulados entre os dois grupos sejam acirrados, condição desfavorável à abertura para um diálogo profícuo para ambos. Refletir sobre histórias legíveis, alternativas e críticas torna-se, portanto, decisivo tanto para a crítica pós-colonial quanto para a crítica feminista contemporânea.

O fato de a mulher negra reivindicar seus próprios espaços no domínio teórico e histórico favoreceu a explosão da produção literária de sua autoria, como também da escrita sobre ela. Essas publicações têm na questão racial um dos eixos basilares para a composição do enredo que entremeia o curso de suas personagens e testemunham que o racismo não apenas opera como ideologia e estrutura distinta, mas também interage com outras ideologias e estruturas de dominação.

Para Stasiulis (1987, p. 5), em relação à sociedade branca, as feministas negras “chegaram à quase unanimidade em concordar que a questão racial, mais do que a de gênero, configura a sua primeira fonte de opressão.” O mesmo pode ser dito sobre a opressão de gênero. Nos debates em torno de suas experiências, portanto, tanto estão

¹ Graduada em Língua Estrangeira Moderna (UFBA), Doutoranda em Ciências da Cultura, área de especialização em Cultura Inglesa (Universidade do Minho). Contato: liviavivas@hotmail.com.




envolvidos o sexismo quanto o racismo. Esses dois conceitos entrelaçam-se estreitamente e combinam-se, sob certas condições, em um fenômeno híbrido.

A eclosão do movimento feminista negro transportou o debate que se travava entre marxistas e feministas sobre as categorias de sexo e classe para outra esfera, provando que o fator raça deveria se articular aos demais, possibilitando que esses elementos coexistissem não apenas quando relacionados às desigualdades entre homens e mulheres, mas entre os componentes desses grupos, separadamente. Assim, gênero, etnia, raça e classe passaram a ser tratados como elementos distintivos das relações sociais que a partir de uma aplicação simultânea contribuem para dar voz ao subalterno.

Jamaica Kincaid escreveu *Annie John* quinze anos após migrar para os Estados Unidos e pouco depois de Antígua tornar-se independente. Como narrativa de cunho autobiográfico, o romance retrata uma condição comum às sociedades caribenhas pós-coloniais ao abordar o contexto familiar conturbado a partir do qual a autora alude à condição de nação colonial de Antígua. Ao entrar na adolescência e conduzir-se analiticamente diante dos fatos, a personagem assume uma postura reflexiva e questionadora, a partir da qual sua identidade negra e feminina é aos poucos é moldada, conduzindo-a, portanto, à urgência em romper com os padrões hegemônicos que a posicionam em desvantagem enquanto mulher e indivíduo fruto da opressão colonial.

Suas narrativas inserem-se em uma perspectiva distintivamente pós-colonial devido ao posicionamento ambíguo da escritora nas obras, que versam sobre identidade, pátria e família, a partir do sofrimento que acomete a personagem principal em seu desenvolvimento, desde a infância até a diáspora. A reflexão em torno das histórias fundamenta-se na relevância atribuída ao ambiente familiar para a construção da identidade do indivíduo, portanto, o lar simboliza um significativo micro-espço dentro do projeto imperial maior. As narrativas entrelaçam quesitos pós-coloniais que são também alargados e ritualizados pela pós-modernidade: feminismo, sexualidade, esgotamento, formação, memória e relações conflitantes. São articuladas, estrategicamente, questões sobre pertencimento, identidade racial e distinções de gênero, através de vozes que proferem emoções complexas em um estilo de escrita lírico constituído por metáforas e descrições simples.

O foco principal do romance é a relação emocional entre mãe e filha. Mais significativamente, o percurso de vida de Jamaica Kincaid e sua obra são moldados pelas




tentativas de forjar sua própria identidade e a decisão de afastar-se da família e de Antígua, a fim de manter o duramente conquistado senso de si. No estilo narrativo da escritora, a principal voz é a da protagonista/ narradora e o diálogo principal é o seu próprio. As obras de ficção de Kincaid são romances de introspecção, em que apenas uma personagem central é minuciosa. As outras personagens são avaliadas pela narradora e, por conseguinte, pelo leitor, apenas na medida em que seu comportamento tem um impacto sobre o seu progresso. Essa condição aplica-se mesmo ao retrato da mãe com quem a protagonista é tão intensamente envolvida. Assim, a percepção do leitor relativamente à mãe permanece bastante limitada. O assunto principal é a jornada de Annie, sua vida interior, e não há intuito de caracterização completa e detalhada no caso das outras personagens que compõem a sua trajetória.

Signos e metáforas

A protagonista do romance é uma criança que cresce em uma perspectiva familiar e escolar que lhe propiciam experimentar situações que possibilitam a apreensão da realidade à sua volta enquanto espaço de subordinação. Ao adentrar a adolescência e conduzir-se analiticamente diante dos fatos, Annie assume uma postura questionadora e reflexiva, a partir da qual sua identidade aos poucos é moldada, conduzindo-a, portanto, à urgência em romper com os padrões hegemônicos centralizados na figura da mãe, que a posicionavam em desvantagem enquanto mulher e indivíduo fruto da opressão colonial.

Annie John traz uma condição comum às sociedades caribenhas pós-coloniais ao focar na situação familiar conturbada, a qual a autora utiliza para fazer alusão à condição de nação colonial de Antígua. A personagem criança cresce em ambiente familiar e escolar que lhe proporcionam a vivência de situações que conduzem à apreensão da realidade à sua volta como um lugar de subordinação. A identidade cultural híbrida da protagonista é observada no momento em que questiona a educação nos moldes coloniais em que lhe é imposta, mas, em contrapartida, aprecia a literatura inglesa.

Jamaica Kincaid produziu uma narrativa em primeira pessoa- raramente recorrendo a diálogos entre as personagens- na qual a voz amadurecida da protagonista expõe descrições vívidas e poéticas de episódios essenciais do início de sua vida. O enredo é revelado a partir do seu ponto de vista, descrevendo eventos e sentimentos tais como os percebia. O leitor é imediatamente situado em relação à consciência juvenil, porém a




linguagem traz a complexidade, a eloquência e a evocação da escritora adulta. O tom do romance, condizente com uma perspectiva infantil, é simples, contudo, muito evocativo e vívido. É direto, mas também sugestivo, ao propor profundidades psicológicas e mistérios que não podem ser articulados, que circulam em torno das descrições de acontecimentos e pensamentos. O efeito é relativamente fantasioso, como se as ações fossem filtradas através de sua consciência muito tempo após os episódios terem lugar.

A estrutura do enredo apoia as principais ideias do romance. A história da adolescência de Annie é narrada em uma passagem de seis anos, dos dez, no primeiro capítulo, até o final do seu período escolar, por volta dos 16 anos, e é subdividida em episódios, com enfoque em acontecimentos significativos. O romance é disposto em uma ordem cronológica aproximada, através de oito capítulos, com referências ocasionais a incidentes anteriores ou posteriores, em um mesmo capítulo. Progressivamente, a narrativa baseia-se na convivência idílica de Annie na companhia dos pais, além de versar sobre os primeiros atos de distanciamento entre mãe e filha, após o décimo segundo aniversário da protagonista, quando a mãe decide que ambas deixariam de trajar-se da mesma forma, além de que a filha deveria capacitar-se em habilidades consideradas femininas.

Ao afastar-se de Antígua em direção à Europa, ocorre a ruptura final na relação mãe-filha. Apesar da interrupção no tempo, a sequência de episódios demonstra uma separação progressiva entre ambas, em toda a adolescência, culminando no argumento final, uma crise acompanhada de um renascimento e da decisão de partir. Tendo externalizado seu desgosto pela fantasia e pela hipocrisia de seu mundo, a protagonista adentra lentamente na fase adulta, em uma nova versão e compreende que para viver terá que abandonar Antígua, de modo a dissipar o poder da ilha sobre si.

Colonialismo e resistência

Durante a década de 60, período escolar da protagonista, Antígua seguia o sistema de educação britânico designado para suas colônias das Índias Ocidentais. A educação britânica à qual teve acesso era calcada na imitação à cultura colonial, uma espécie de imposição hierárquica, onde os alunos da terra colonizada, ao invés de analisá-la criticamente, apenas a replicava. O currículo escolar dava ênfase à história e à cultura




européias, particularmente da Grã-Bretanha, e à literatura britânica. Aos alunos era ministrada a história das Índias Ocidentais a partir de uma perspectiva colonial britânica.

Durante o curso de análise da narrativa, os elementos aguçam nos leitores determinados questionamentos relativos ao significado da história escravocrata em Antígua, a exemplo do motivo pelo qual a protagonista rejeita a figura de Cristóvão Colombo; de sua própria posição social em Antígua; as razões da migração constante dos nativos para outros países; até que ponto a compreensão da história da ilha, particularmente do seu passado colonial, aprofunda a apreciação sobre os temas abordados; de que forma a compreensão sobre a história caribenha e sobre diversas concepções que circundam a atuação de Colombo aumentam o discernimento sobre a atitude rebelde de Annie no ambiente escolar; e até que ponto a apreensão de questões familiares, educacionais e diaspóricas de cunho caribenho aprofundam a assimilação do romance.

Enquanto Annie John aprende a lidar com emoções complexas, também se identifica politicamente no âmbito escolar. As crianças em idade escolar eram doutrinadas a reverenciar Cristóvão Colombo como notável personalidade, navegador e explorador excepcional, descobridor e fundador do Novo Mundo, apesar de seus ancestrais terem sido vítimas da escravidão. Colombo, portanto, é retratado como símbolo das contradições de uma educação colonial.

A protagonista acreditava ser incapaz de designar o lado ao qual realmente pertencia- o dos senhores ou dos escravos- porque todos celebravam o nascimento da Rainha Victoria- e por extensão, a história europeia- até mesmo os descendentes de escravos, indivíduos cientes de suas origens enquanto vítimas daquela história.

We could look everybody in the eye, for our ancestors had done nothing wrong except just sit somewhere, defenseless. Of course, sometimes, what with our teachers and our books, it was hard for us to tell on which side we really now belonged- with the masters or the slaves- for it was all history, it was all in the past, and everybody behaved differently now; all of us celebrated Queen Victoria's birthday, even though she had been dead a long time. But we, the descendants of the slaves, knew quite well what had really happened, and I was sure that if the tables had been turned we would have acted differently; I was sure that if our ancestors had gone from Africa to Europe and come upon the people living there, they would have taken a proper interest in the Europeans on first seeing them, and said, "How nice," and then gone home to tell their friends about it (KINCAID, 1985, p. 76).




A contradição entre os valores oficiais transmitidos pelas escolas e os dos indivíduos que reconheciam o que deveras havia ocorrido culminou com a repulsa de Annie a Colombo, apesar dos discursos dos livros oficiais. A disparidade entre as lições oficiais aprendidas em âmbito escolar e o conhecimento sobre as origens e a herança poderiam conduzir a contradições em mentes como a da protagonista. Nesse contexto, não apenas a interpretação da história é relevante, mas os valores difundidos pelo sistema educacional e o seu impacto na formação da identidade de indivíduos jovens, visto que o propósito da educação é a socialização infantil através da iniciação em sua própria cultura, de maneira que os indivíduos apreendam a consciência de seu espaço em sociedade. Quando os valores e as perspectivas estrangeiras são mais transmitidos e valorizados do que os dos nativos, sua cultura passa a ser considerada inferior- e por extensão, os próprios nativos. Um sistema educacional em moldes coloniais, portanto, pode ocasionar sentimentos de inferioridade no educando, como também o sentido de que sua própria cultura é inferior em relação àquela transmitida no ambiente escolar- no caso, a cultura britânica. A rebeldia de Annie John na escola, particularmente quanto à desfiguração da ilustração de Colombo, pode ser compreendida como resistência a um sistema que não reconhece a própria história, cultura e valores de seus alunos². Uma crítica a tal fator sucintamente explica os efeitos de um sistema de educação colonial que transmite valores culturais estrangeiros do poder imperial para a população nativa:

In a colonial society the purpose of education, the initiation of a child into his culture, became distorted since it was the values of a foreign culture which had to be taught while the native tradition was derided or ignored. Colonial education separated people from their environment, taught them dependence and destroyed their self-worth (DRAYTON, 1977: viii *apud* Mistrion, 1999, p. 120).

A referência à realeza britânica é também um elemento comum na produção literária da escritora. A denominação da escola de Annie -*Princess Margaret*- a faz recordar de um incidente da infância com profundo desgosto, quando aguardava a chegada da princesa Elizabeth e do príncipe Philip, os quais eram por todos reverenciados. O patriotismo, a lealdade e a maternalidade ligam-se à rainha Victoria e à celebração anual do *Empire Day*. A realeza simbolizava uma relação que a protagonista rejeitava:

² Ao danificar a imagem de Colombo, proferindo as mesmas palavras que a sua mãe proferia para afrontar o seu avô, Annie faz correlação à imagem de sua mãe, da mesma forma que há correspondência entre o pós-colonialismo e o patriarcado.




Her ancestors had been the masters, while ours had been the slaves. She had such a lot to be ashamed of, and by being with us every day she was always being reminded. We could look everybody in the eye, for our ancestors had done nothing wrong except just sit somewhere, defenseless. Of course, sometimes, what with our teachers and our books, it was hard to tell on which side we really now belonged- with the masters or the slaves- for it was all history, it was all in the past, and everybody behaved differently now; all of us celebrated Queen Victoria's birthday, even though she has been dead a long time (KINCAID, *op. cit.*, p. 76).

Após passarem-se 30 anos desde que a protagonista fora estudante em uma Antígua colonial, o sistema educacional sofreu modificações aos poucos, de forma a refletir os valores caribenhos. Nos 500 anos após a chegada de Colombo ao Caribe, um aspecto significativo relativo à independência é o controle local do currículo nas escolas:

Caribbeans want to put history right. One of the benefits of independence that is deeply valued by many Caribbeans is control of the school systems. Until independence, Jamaican schoolchildren learned more about England and France than they did about Trinidad and Barbados. They learned little about the fact that...there was a slave rebellion, or at least the very real threat of one, almost every year. These things are part of their oral tradition, the stories children are told at night, but there was little of them in schools... Caribbeans were taught that while Europeans were doing great things, their own ancestors were working in the fields. Many saw their only choices to be either rejecting education entirely or being molded by a colonial education that rejected their own world...It was an education designed to make the students feel inferior. They learned that they were underlings, that greatness was elsewhere, in France and England and Spain. Important things were always achieved by white foreigners. Caribbeans were expected to admire men who had owned and traded their ancestors (KURLANSKY, 1992, pp. 14-15).

No século XX, a partir do declínio do colonialismo europeu, os aspectos negativos atribuídos a Colombo enquanto explorador foram expressos mais frequentemente tanto nos Estados Unidos quanto no Caribe já independente. Os descendentes das tribos nativas originais e os descendentes de escravos têm contestado expressamente a glorificação a Colombo. A Espanha liderou o movimento em celebração ao eufemisticamente designado “encontro” entre culturas, enquanto outros denominaram-no “holocausto” e outros ainda desejavam a manutenção do vocábulo tradicional “descobrimento”, mais europeu, apesar de que havia milhões de povos indígenas no Novo Mundo que já o havia “descoberto” e lá se domiciliado muito antes do aparecimento de Colombo. Relativamente a esse



período, existe uma literatura variada que analisa o impacto das viagens de Colombo, com uma série de opiniões e interpretações.


O colonialismo também foi expresso através da autoridade materna, que era frequentemente associada à autoridade colonial britânica. Ambas as condições tentavam controlar o comportamento de Annie, a fim de mantê-la como sujeito dependente, ditando o que ela deveria pensar e sentir. Mrs. John desejava dominá-la da mesma maneira que as condições pessoais e políticas em Dominica ameaçaram contê-la, antes de migrar para Antígua.

A experiência de crescimento da personagem fictícia se aproxima bastante da experiência do próprio autor. Em diversas entrevistas, Jamaica Kincaid afirmou que os seus romances são intensamente autobiográficos e que muitos dos acontecimentos são emocionalmente verídicos. É profícuo, portanto, delinear os fatos proeminentes na vida da escritora, visto que eles se aproximam paralelamente, notoriamente em tempo e em espaço, àqueles da existência ficcional de *Annie John*.

A passagem da juventude para a fase adulta e as consequências desse percurso possuem apelo universal, justificando a popularidade da obra. Trata-se de uma experiência individual, que no discurso se expande para a experiência universal, muitas vezes se aproximando do mitológico em suas dimensões. Algumas características da obra cruzam linhas culturais ao demarcar a frustração com a família, com a escola e com os amigos.

Há também uma questão provocativa sobre a autodescoberta de Annie: seu "recomeço" acontece na Inglaterra, a base do poder colonial, onde Annie teria uma profissão ligada aos papéis tradicionais de gênero dos quais desejava esquivar-se. Nesse país, Annie submeter-se-ia ainda mais à influência britânica e, ao atravessar, retornaria em um certo sentido aos passos de seus antepassados escravos e voltaria às raízes do poder colonial, na tentativa de se redefinir. Alguns críticos sugeriram que Annie John era incapaz de firmar seu poder como uma mulher das Índias Ocidentais madura, que vivia em uma Antígua colonial de maneira produtiva ou positiva. Em vez disso, parecia que estava escapando dos transtornos que surgiram a partir de sua autodefinição. “Retornava”, portanto, à origem do colonialismo, ainda procurando a sua identidade.

Comprovadamente, a protagonista de *Lucy* (1990), romance que dá continuidade a *Annie John*, assumiu múltiplas identidades ao migrar de Antígua para os Estados Unidos,




ao passo que procurou por distintas formas de refazer-se, em uma busca constante por uma identidade que se apresentava inacabada, deslocada, em permanente edificação. Assim, essa personagem representa o indivíduo da diáspora, marcado por um percurso descontínuo de negativa da sujeição causada pelos conflitos coloniais de outrora e pelas novas experiências culturais em um espaço que rejeita, que contrasta com o caráter híbrido de sua personalidade, mas que ao mesmo tempo ela absorve, seja por inclusão ou por rejeição. A condição social feminina também se revela valiosa e complexa, dentre outras razões, pela fuga do sujeito feminino que não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes, além do que a mulher da colônia é duplamente colonizada: tanto pelo patriarcado, quanto pela metrópole.

Simbologia patriarcal

A escrita feminina pós-colonial representa um estímulo ao desejo pela descolonização física e psíquica, em uma conjuntura em que a figura do “eu” aparece com o intuito de legitimar sua voz silenciada. Os textos kincaidianos circunscrevem-se em um cenário enérgico, onde nota-se o universo íntimo das personagens, que estão em uma fluidez constante de maneira a demonstrarem um raciocínio amplo acerca das relações hierarquizantes vivenciadas pelo sujeito contemporâneo- homem/ mulher, negro/ branco, colonizador/colonizado.

Annie John evidencia a simbologia patriarcal/ colonial que a relação conflituosa com a genitora representa, condição também presente no romance *Lucy*, durante a passagem da personagem criança à fase adulta. A sensação de perda e traição que acompanha o desaparecimento do afeto de uma mãe uma vez estimada é a abordagem central, visto que no início do enredo Annie descreve metaforicamente a relação entre ambas como um paraíso, onde havia cumplicidade, circundada por muita afeição. À medida que a personagem cresce, entretanto, há um distanciamento da mãe e, a fim de suprir a insuficiência afetiva, Annie tenta consolidar amizades intensas e sobressair-se quanto ao desempenho escolar, de maneira a obter a aprovação materna.

Figurativamente, Jamaica Kincaid estabelece uma conexão entre essa relação e a condição de nação colonial de Antígua, ao comparar o domínio europeu à desarmonia entre mãe e filha. Assim, a narrativa se baseia na sua relação com a genitora, a qual concebia como um império em si mesma. Na maioria dos romances de Kincaid sua mãe representa,




ironicamente, o colonizador. A relação é sempre paradoxal e as personagens nutrem um sentimento de afetividade e, ao mesmo tempo, de repressão e domínio.

Metaforicamente, o romance reporta essa conexão através da transformação da protagonista em uma mulher dominada pelos colonizadores e seus aliados dos ditames patriarcais, visto que a mãe atendia aos requisitos paternos, que possuía tratamento prioritário enquanto chefe de família e ícone do poder colonial. A exposição da submissão de Annie ao domínio patriarcal crucialmente afetava a sua existência diária. Inicialmente, sua identidade também estava entrelaçada ao relato da mãe sobre sua própria história de vida. Contrastando com a independência da mãe e seu conseqüente afastamento de Dominica, sua terra natal, o âmbito familiar é a existência protegida do pai até a morte da avó, por quem fora criado, após o abandono dos pais.

O processo de maturação de Annie é contínuo ao longo da narrativa. Renuncia à sua vaidade e sua infantilidade não afetada mistura-se silenciosa e facilmente enquanto ela narra os tempos antigos. As reminiscências permitem um arredondamento da personagem, sua presença através do espaço e do tempo. A recordação do passado viabiliza um determinado contexto para o novo projeto de Annie John: uma jovem mulher a confrontar pressões diversas e a reivindicar agenciamento. Jamaica Kincaid encaixa-se perfeitamente na tradição literária caribenha, já que as escritoras dessa origem têm em comum uma preocupação relativa às pressões sobre as mulheres na adolescência, além da crítica ao poderio masculino.

A leitura em torno do relacionamento mãe-filha continua à medida que *Annie John* aborda questões de classe, ressaltando sensações de impotência política e pessoal. A insatisfação em relação à figura materna que deseja que a formação de Annie seja calcada nos valores britânicos (Annie deveria sujeitar-se às prescrições sociais) e no sistema educacional até então vigente, que estimulava a reverência a Cristóvão Colombo, interconectam-se, tornando o texto constantemente aberto, fluido e especulativo, através do contraste entre o contexto autobiográfico e o ficcional.

Ambos os dominadores ameaçaram a evolução da independência e da identidade individual de Annie, que tentou resistir a qualquer de suas tentativas de moldar sua personalidade. Mrs. John a enxergava como uma extensão de si e passou a rejeitá-la diante de qualquer tentativa de comportamento distinto do seu. Já os colonizadores recusaram-se a considerar os afrodescendentes de Antígua indivíduos com história, cultura e identidade



próprias, pois, contrariamente, inculcaram-lhes os valores britânicos que pareciam entrar em conflito com a realidade do espaço, ocasionando-lhes perda da autoestima. A oposição de Annie a tais ameaças contribuiu para a sua decisão final de afastar-se não apenas da mãe, mas também de sua terra natal. Sua decisão de embarcar para a Inglaterra não pareceu ser cuidadosamente pensada, uma vez que era muito motivada pela sua necessidade de se tornar independente dos pais. Ao tornar-se sua própria testemunha, suas relações intensas ainda coexistiam, mas ela estava pronta para embarcar e abandonar o passado, preenchendo-se com as novas experiências.

Paradoxalmente, a personagem se encontrava sempre em dois espaços ao mesmo tempo. Embora se recusasse a admitir, sua vida continuava conectada a Antígua até mesmo quando partiu. Portanto, Annie permanecia parte daquele ambiente, ainda que continuasse ou não vinculada à sua família.

Referências bibliográficas

DRAYTON, K. Education Perspectives for a New Caribbean. In K. Davis. *Moving into Freedom*. Barbados: Cedar Press, 1977.


EDWARDS, J. *Understanding Jamaica Kincaid*. South Carolina: University of South Carolina Press Columbia, 2007.

FERGUSON, M. *Jamaica Kincaid: Where the Land Meets the Body*. Charlottesville and London: The University Press of Virginia, 1994.

KINCAID, J. *Annie John*. London: Vintage Books, 1985.

_____. *Lucy*. New York: Farrar Straus & Giroux, 1990.

KURLANSKY, M. *A Continent of Islands: Searching for the Caribbean Destiny*. Reading, Mass.: Addison-Wesley, 1992.



MISTRON, D. *Understanding Jamaica Kincaid's Annie John*. London: Greenwood Press, 1999.

SIMMONS, D. *Jamaica Kincaid*. New York: Twayne Publishers, 1994.

STASIULIS, D. K. Rainbow feminism: Perspectives on minority women in Canada. *Immigrant Women. Special Issue of Resources for Feminist Research*, 16 (1): pp. 5-9, 1987.